

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.13022018315-321>**HAN, BYUNG-CHUL. SOCIEDADE DO CANSAÇO. TRAD. ÊNIO PAULO GIACHINI. 2.ED. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2017.****Adilson Cristiano Habowski*****Elaine Conte****

Resumo: *Para além de uma sociedade disciplinar (Foucault) do século XXI, segundo Han, vivemos uma sociedade de desempenho e do cansaço, que reivindica a autonomização da própria vida por meio da técnica. Nesta sociedade, os habitantes não são mais sujeitos da obediência disciplinar movidos por um certo controle comportamental instituído, mas são agora sujeitos de produção e empresários de si mesmos. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da proibição, mandamento ou lei, entrando neste projeto, a iniciativa e a motivação do desempenho, mas que acaba produzindo sujeitos depressivos e fracassados. A sociedade atual do sobreviver histérico que absolutiza o sadio, destrói precisamente a beleza e a intensidade da vida.*

Palavras-chave: *Sociedade. Cansaço. Liberdade Coercitiva. Desempenho.*

Ao competirmos conosco mesmos e obedecermos às ambições e a *pressão do desempenho* nos tornamos depressivos sob o imperativo de obedecer a nós mesmos, recaindo na expressão patológica do próprio fracasso e carência de vínculos, característica da crescente fragmentação e atomização do social. Contrariando as ideias de um esgotamento de uma autoridade exterior, agora o imperativo consiste em obedecer a nós mesmos. O sujeito de desempenho encontra-se em autoacusação destrutiva e autoagressão que o leva ao adoecimento social, refletindo uma espécie de (des)humanidade consigo mesmo. Trata-se, portanto, de uma sociedade enraizada, naquilo que foi considerado o mais elevado padrão de sucesso que é a questão da competência, na forma de liberdade coercitiva com o mundo virtual.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio, à vontade e sujeição de terceiros, que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo, como foi a submissão da sociedade disciplinar (do sujeito da obediência). O que Han (2017) anuncia em seu livro é que a queda da instância dominadora não leva à liberdade, mas faz com que a liberdade e a coação coincidam, em nome de uma maximização do desempenho. Daí “o explorador é ao mesmo tempo explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência”. (HAN, 2017, p. 30). Denuncia ao longo de sua obra, o tédio profundo e o excesso de positividade que se manifesta também pelo excesso de estímulos, informações e impulsos, gerando a

* Mestrando em Educação da Universidade La Salle – Canoas. Bolsista CAPES – PROSUC. Integrante do grupo de pesquisa NETE/UNILASALLE/CNPq.

** Doutora em Educação (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle - UNILASALLE/Canoas. Líder do Núcleo de Pesquisas sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq.

fragmentação e o conseqüente aniquilamento da concentração dos sujeitos. Além disso, a crescente sobrecarga de trabalho está relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos perversos na estrutura da atenção. “A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso” da atenção que aproxima “cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem”. (HAN, 2017, p. 31).

Nesta sociedade do cansaço, a atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção distinta - a hiperatenção. Esta por ser dispersiva se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades e fontes. Em vista disso, o sujeito tem uma tolerância bem pequena para o tédio, sendo este importante para viabilizar o processo criativo. Afinal, “pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamim lamenta que esse ninho de descanso e de repouso onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade”. (HAN, 2017, p. 34). Segundo Han (2017, p. 34), com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os “dons do escutar espreitado” e a “comunidade dos espreitados”, isto é, o escutar radica-se precisamente na capacidade para a atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso.

A questão dos desvios nos faz entender que nesta sociedade o próprio caminhar causa tédio, a dança e o movimento são intolerados pela inquietação. Assim, o sujeito é impulsionado a procurar um movimento *totalmente novo*, numa inquietação ativa, num andar acelerado. “Possivelmente no andar é tomado por um profundo tédio [...]. Comparada com o andar linear, reto, a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho”. (HAN, 2017, p. 35). Da mesma forma, a capacidade contemplativa requer formas ou estados de duração que escapam à hiperatividade, pois, “no estado contemplativo, de certo modo, saímos de nós mesmos, mergulhando nas coisas”. (HAN, 2017, p. 35).

Mas toda e qualquer forma de arte requer esse recolhimento contemplativo e repouso para manifestar uma ação expressiva e evitar caminhos a novas barbáries. “O próprio Nietzsche, que substituiu o *ser* pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo” (HAN, 2017, p. 37). “Em seu escrito *Vita activa*, Hannah Arendt procura reabilitar a vida ativa contra o primado tradicional da vida contemplativa, rearticulando-a em seu múltiplo desdobramento interno. Em sua opinião, a *vita activa* foi degradada de forma injusta na tradição à mera agitação”. (HAN, 2017, p. 39). Para Arendt, o milagre se processava no próprio nascimento (recomeço) do ser humano onde se realiza uma ação, com dimensões milagrosas e revolucionárias. “Segundo Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda a possibilidade de agir, degradando o homem a um *animal laborans* – um animal trabalhador”. (HAN, 2017, p. 41).

No entanto, as descrições do *animal laborans* de Arendt não correspondem às observações que podemos fazer na sociedade de desempenho hoje, pois este não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se ao trabalho anônimo. Esta sociedade radicalmente transitória, hiperativa e hiperneurótica pelo trabalho se individualiza, tendo em vista o desempenho, a ponto de quase dilacerar-se no isolamento, nervosismo e inquietação. Precisamente, com a histeria do trabalho e da produção, o

acelerado mundo de hoje aprisiona as formas de ver e promove outras coerções e carências do ser. Na sociedade do trabalho, o próprio senhor da dialética do senhor e do escravo se transformou num escravo do trabalho, sem ter tempo livre para o lazer. E “a especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos”. (HAN, 2017, p. 47). A absolutização da vida ativa e a perda da capacidade contemplativa acabam sendo corresponsáveis pela histeria e nervosismo da sociedade moderna. De acordo com Han (2017, p. 51), “a *vita contemplativa* pressupõe uma pedagogia específica do ver”.

Partindo de uma base argumentativa da vida contemplativa, no *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche formula três tarefas, em vista das quais a gente precisa de educadores para desenvolver a capacidade humana de resistência a um estímulo opressivo, instrutivo, insistente e exterior. Devemos aprender a *ler*, devemos aprender a *pensar*, devemos aprender a *falar* e a *escrever*. A meta desse aprendizado seria, segundo Nietzsche, a *cultura distinta*. Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender-a-ver seria a “*primeira* pré-escolarização para o caráter do espírito” (*Geistigkeit*). Temos de aprender a “*não* reagir *imediatamente* a um estímulo, mas tomar o controle dos instintos inibitórios, limitativos”. (HAN, 2017, p. 52). A educação seria uma forma de revitalização da *vita contemplativa*, de reagir ao imediatismo, pois seguir a todo e qualquer impulso já seria uma decadência humana, um sintoma de esgotamento patológico.

Aqui, a dialética do ser-ativo consiste no fato de que a agudização hiperativa da atividade faz com que essa se converta numa hiperpassividade, ou seja, ausência de todo e qualquer impulso e estímulo. Por isso, em vez de liberdade ganhamos ativismos, o que gera novas coerções e ilusões de que “quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livres seríamos” (HAN, 2017, p. 52). Mas é através da “negatividade do parar interiormente, o sujeito da ação pode dimensionar todo o espaço da contingência que escapa a uma mera atividade. [...] hesitar não representa uma ação positiva, mas é indispensável para que a ação não decaia para o nível do trabalho” (HAN, 2017, p. 52). Hoje, vivemos num mundo muito mecânico, pobre de interrupções, de (des)aprendermos algo e de tempos intermédios, assim como máquinas *de desempenho autista* agimos, e somos manipulados e seduzidos a não fazer pausas (nenhuma folga temporal). O futuro se encurta numa atualidade prolongada o que não permite olhar para o outro. A dispersão geral que marca a sociedade não permite que surja a ênfase e energia em condições de interromper um estado de coisas (de exceção).

O esforço exagerado por maximizar o desempenho afasta a negatividade, porque esta atrasa o processo de aceleração. “Se o homem fosse um *ser da negatividade*, a total posituação do mundo teria um efeito que seria nocivo. Segundo Hegel, é precisamente a negatividade que mantém viva a existência”. (HAN, 2017, p.56-57). Se possuíssemos apenas a potência de fazer algo e não tivéssemos a potência do não fazer (ação do espírito), incorreríamos numa hiperatividade fatal, do contrário, se tivéssemos apenas a potência de pensar, estaríamos dispersos numa quantidade infinita de objetos de reflexão (*Nachdenken*). “A hiperatividade é, paradoxalmente, uma forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre. Radica-se numa absolutização

unilateral da potência positiva” (HAN, 2017, p. 57-58). Ao abandonar o *próprio* eu o ser humano recai na perda de sentido do mundo vivido e numa extrema monotonia de iniciativa e de referência, que o leva a um *cansaço do eu* depressivo, ausente e apático. Metaforicamente Agamben diz, “o *escrivão* se tornou a *escrivadinha*, a partir daí ele nada mais é do que sua própria folha em branco” (HAN, 2017, p. 63). Disso resulta,

A Sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do *doping*. O *doping* possibilita de certo modo um desempenho sem desempenho. Todavia, há também cientistas sérios que argumentam que será de certo modo irresponsável não utilizar tais substâncias. (HAN, 2017, p. 69).

Han (2017, p. 71) afirma ainda que “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizante e isolado” e, por isso, pode despertar uma visibilidade (para além de um estado de esgotamento), que acessa e inspira o eu e o torna permeável e aberto ao mundo de rejuvenescimento. “O cansado habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno. Não é um estado onde todos os sentidos estariam extenuados. Desperta, ao contrário” (HAN, 2017, p. 73). Nesta perspectiva, o cansaço profundo afrouxa as presilhas da identidade e concede uma *aura de amizade*. “Em tal cansaço fundamental, a coisa jamais aparece apenas para si. Mas sempre junto com outras, e mesmo que possam ser apenas poucas coisas, no fim tudo está junto com tudo” (HAN, 2017, p.75). Mas, “o cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer *qualquer* coisa. O cansaço que inspira é um cansaço de potência negativa, a saber, do não-para”, que tem um tempo intermediário de desarme, de um “tempo da in-diferença como amizade” (HAN, 2017, p.76-77).

O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório baseado na obediência e no cumprimento do dever, mas na liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar o prazer, enquanto um ser empreendedor de si, que não se submete as ordens do outro. “Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e liberdade. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações” (HAN, 2017, p. 83). A falta de relação com o outro provoca acima de tudo uma crise de gratificação, de reconhecimento que pressupõe o aval do outro ou do terceiro, pois “mergulhar no si mesmo não cria nenhuma gratificação, ele traz dor e sofrimento ao si-mesmo” (HAN, 2017, p. 84). A dissolução das fronteiras que separam o si-mesmo e o outro significa que o próprio narcisismo acaba tornando-se insignificante. “Na experiência, encontramos o *outro*. Esses encontros são transformadores sim, nos *modificam*. As vivências ao contrário, prolongam o eu no outro, no mundo. Desse modo, elas nada mais são que *equiparadoras*. No amor-próprio, o limite para com o outro é claramente contornado”, tornando-se difuso (HAN, 2017, p. 85). A coação de desempenho força o sujeito a produzir cada vez mais (vivendo num constante estado de carência e de culpa), sem jamais alcançar o repouso da gratificação, pois está concorrendo consigo mesmo até sucumbir no esgotamento ou sofrer um colapso psíquico (tais como *Burnout*, depressão, hiperatividade, etc.). “O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem”. (HAN, 2017, p. 86).

A incapacidade de dizer não, para poder-tudo impera sobre o ter direito a esperar, a ouvir, a perceber, a desaprender e a poder abrir mão de algo. A sociedade de

desempenho atual, com sua ideia de liberdade e desregulamentação, está trabalhando intensamente no desmonte de barreiras e proibições, trazendo como consequências “uma promiscuidade generalizada” (HAN, 2017, p. 88) e “a depressão seria o fracasso frente ao incontrolável, do sujeito que busca iniciativa” (HAN, 2017, p. 90). Desta forma, “os conflitos originários com os outros são internalizados e transformados num autorrelacionamento conflitivo que levaria ao empobrecimento do eu e à autoagressividade” (HAN, 2017, p. 90). O sujeito de desempenho está cansado, depressivo e esgotado de lutar consigo mesmo, de certo modo, desgastado e incapaz de sair de si, de confiar no outro, no mundo, o que, paradoxalmente, acaba levando a “autoerosão e ao esvaziamento”. (HAN, 2017, p. 91).

O momento em que estamos vivendo, com os novos meios e técnicas de comunicação, corrói cada vez mais a relação com o outro. O mundo digital é pobre em alteridade e em sua resistência crítica. Nos círculos virtuais, o eu narcísico pode mover-se praticamente desprovido do *princípio de realidade* que seria um princípio do outro e da resistência. A virtualização e digitalização estão levando cada vez mais ao desaparecimento da realidade que nos oferece resistência. O sujeito do desempenho pós-moderno, que dispõe de uma quantidade exagerada de opções, não é capaz de estabelecer interligações e relacionamentos consigo mesmo e com os outros, a não ser exposto ao modo de uma mercadoria. “O ego pós-moderno emprega grande parte de sua energia da libido para si mesmo. O restante da libido é distribuído em contatos sempre crescentes e relações superficiais e passageiras” (HAN, 2017, p. 92). Nestas circunstâncias, “o depressivo é uma pessoa esgotada por sua soberania, que portanto, já não tem mais força em ser senhor de si mesmo. Está cansado de tanta exigência de ter iniciativa” (HAN, 2017, p. 94).

O imperativo da expansão, transformação e do reinventar-se no mundo contemporâneo, cujo contraponto é a depressão, pressupõe uma oferta de produtos ligados à identidade. Desse modo, “quanto mais se troca de identidade, mais se impulsiona a produção. A sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável, enquanto que a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção” (HAN, 2017, p. 97). Há que se admitir que o sujeito do desempenho não aceita sentimentos negativos, o que acabaria se condensando e formando um conflito: a coação por desempenho impede a intercomunicação. O sujeito já não é capaz de elaborar o conflito, um processo demorado e lança mão de antidepressivos para restabelecer a funcionalidade e capacidade de desempenho, aguçando novamente sua *concorrência absoluta*.

Conforme observamos, “o sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio. Essa autocoação, que se apresenta como liberdade acaba sendo fatal para ele”, pois está atrelada às relações de produção capitalistas de autoexploração (HAN, 2017, p. 100). As pessoas se desenvolvem nesse processo uma autoagressividade, que pode desembocar em suicídio, comum ao extremo desempenho, cujo fracasso volta-se contra si mesmo. A sociedade da positividade, que acreditava ter se libertado de todas as coações estranhas, se vê enredada em coações autodestrutivas do século XXI, com traços agressivos e de violência de exploração própria. “Numa lógica paradoxal, também na sociedade do

desempenho, soberano e *homo sacer* acabam condicionando mutuamente seu surgimento”. (HAN, 2017, p. 105). Frente à atomização da sociedade e à erosão social apenas o *corpo do eu* deve ser mantido sadio a qualquer preço e “a saúde torna-se autorreferenciável e se esvazia num *expediente sem metas*”, pois a vida produtiva deve ser prolongada a qualquer custo (HAN, 2017, p. 108).

Se pensarmos numa temporalidade onde podemos jogar e brincar, numa época de festa e celebração, “a essência da experiência do tempo da arte é que devemos aprender a demorarmos junto a ela. Talvez essa experiência seja a mais adequada correspondência ao que se costuma chamar de eternidade”, para além de continuarmos sendo escravos do trabalho e do desempenho (HAN, 2017, p. 110). Contudo, “deveríamos reconhecer que hoje perdemos aquela festividade, aquele tempo de celebração na medida em que absolutizamos o trabalho, o desempenho e a produção. O tempo de trabalho que hoje está se universalizando” como tempo vazio, que deve ser simplesmente preenchido, que se move entre o tédio e a ocupação, destrói a possibilidade de celebrar (HAN, 2017, p. 112).

Numa sociedade coativa, cada um carrega consigo um campo de trabalho que o define como senhor e um escravo do trabalho em que é ao mesmo tempo explorado com o melhoramento de seu próprio funcionamento. “A autoexploração é muito mais eficiente que a exploração estranha, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (o primeiro sintoma do *Burnout* é a euforia ao trabalho), que acaba nos vitimando. (HAN, 2017, p. 115). Se antigamente era possível estabelecer uma clara separação entre o mundo do trabalho e do não trabalho, hoje estas dimensões estão misturadas, visto que podemos trabalhar em qualquer lugar, hora e a todo o momento.

A revolução clássica tinha como meta superar as relações de alienação do trabalho, cujo sintoma era o trabalhador não reconhecer o próprio trabalho realizado num processo de reificação de si mesmo. Segundo Marx, o trabalho é uma contínua *autodesrealização*. Hoje, vivemos em outro momento (pós-marxista) em que vige o neoliberalismo, cujo regime explora a liberdade e autorrealização como dimensões da autoalienação servil. “Ao contrário, eu próprio exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que possa me realizar. E eu me realizo na direção para a morte. Otimizo a mim mesmo para a morte” (HAN, 2017, p. 116).

Ora, a liberdade das *habilidades* evoca uma coação sobre o próprio trabalhador ilimitada, que gera até mais coações do que o *dever* disciplinar (possui um limite), através de ordens e proibições. Com isso, nos vemos colocados numa situação paradoxal, pois a liberdade é propriamente a contrafiguração da liberdade coercitiva. As enfermidades psíquicas como a depressão ou *Bournout* representam a expressão de uma profunda crise da liberdade transformada em histeria. É bem possível que a sociedade antiga fosse bem mais repressiva que a atual, mas hoje “a repressão cede lugar à depressão” (HAN, 2017, p. 117). Nossa sociedade absolutiza a vida sadia e destrói o belo para sobreviver, “num morto-vivo. Nós nos transformamos em zumbis saudáveis e fitness, zumbis do desempenho e do botox. Assim hoje, estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer” (HAN, 2017, p. 119).

Para Aristóteles, o homem livre é alguém que vive independente de necessidades e de suas coações. Ele tem à disposição três formas de vida livre, a primeira que se volta ao gozo das coisas belas, a segunda, que produz belos atos na *polis* e, por fim, a vida

contemplativa, que se conserva na investigação daquilo que não passa e se mantém no âmbito da beleza perene. Com efeito, são livres os poetas, os políticos e os filósofos, visto que eles se distinguem daquelas formas de vida que servem para a conservação da vida. Podemos dizer que não há mais política livre hoje, pois ela sobrevive por decretos voltados para o lucro e para as urgências, que acaba se aproximando de uma ditadura do capital, ou seja, “não são mais políticos no sentido aristotélico” (HAN, 2017, p. 120). O agir político livre modifica a sociedade, no sentido de possibilitar um incremento de justiça social, um aumento de felicidade que faça brotar uma situação social nova produzida por belos atos.

A *igualitação* que acelera a circulação de informação, comunicação e capital entre todos, de forma democrática, também “aumenta o nível de produtividade e eficiência”. (HAN, 2017, p. 125).

Hoje nós nos fazemos importantes nas redes sociais, no facebook. Nós produzimos informações e aceleramos a comunicação, na medida em que nos “produzimos”, nos fazemos importantes. Nós ganhamos visibilidade, expomo-nos como mercadorias. Nós nos produzimos para a produção, para a circulação acelerada de informação e comunicação (HAN, 2017, p. 126).

A pessoa humana é reduzida ao valor puramente comercial, ao obsoleto e massificado, recaindo num vazio existencial. “O hipercapitalismo atual dissolve totalmente a existência humana numa rede de relações comerciais. Ele arranca a dignidade do ser humano, substituindo-a completamente pelo valor de mercado” (HAN, 2017, p. 127). Para concluir, vivemos numa loja mercantil transparente, onde nós somos supervisionados e governados. “Já é hora de transformar essa casa mercantil novamente numa moradia, numa casa de festas, onde valha mesmo a pena viver” (HAN, 2017, p. 128).



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.